

Métodos Etnográficos e Populações Tradicionais: Uma Revisão Sistemática de Variáveis Metodológicas (2015–2025)

Ethnographic Methods and Traditional Populations: A Systematic Review of Methodological Variables (2015–2025)

Métodos etnográficos y Poblaciones Tradicionales: Una Revisión Sistemática de Variables Metodológicas (2015–2025)

Ana Carolina Lima Silva ¹, Ana Gabriele Gonçalves Pinheiro ², Barbara Souza Santos ³, Kerolyn Ramos Garcia ⁴, Mariana Sodário Cruz ⁵, Michelle Sousa Vilela⁶, Margô Gomes de Oliveira Karnikowski ⁷

Como citar: Silva ACL, Pinheiro AGG, Santos BS, Garcia KR, Vilela MS, Cruz MS, et al. Métodos Etnográficos e Populações Tradicionais: Uma Revisão Sistemática de Variáveis Metodológicas (2015–2025). *REVISA*. 2026; 15(Esp5): 21–45. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v15.nesp5.p21a39>

REVISA

1- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
<https://orcid.org/0009-0001-1676-7826>

2- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-4300-0348>

3- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
<https://orcid.org/0009-0002-4578-0875>

4- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-2464-6255>

5- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-8069-7797>

6- Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-0417-568X>

7- Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-5662-2058>

Recebido: 17/07/2026
Aprovado: 17/09/2026

RESUMO

As metodologias etnográficas constituem estratégias fundamentais utilizadas por pesquisadores para se aproximar e coletar dados junto a povos tradicionais, como comunidades quilombolas e indígenas. Contudo, ainda existem lacunas na sistematização das variáveis metodológicas presentes na literatura científica recente. **Objetivo:** verificar as variáveis de métodos etnográficos utilizados na literatura científica que trate de povos tradicionais. **Métodos:** Revisão sistemática qualitativa seguindo o PRISMA, com estratégia PICOS (População: povos tradicionais; Intervenção: métodos etnográficos). Buscas nas bases BVS, SciELO, LILACS e MEDLINE (2015–2025), usando descritores booleanos (ex.: quilombolas AND etnografia). Dos 129 artigos identificados, 40 foram incluídos após triagem por dois revisores independentes, com extração de dados sobre técnicas etnográficas (observação participante, entrevistas, diários de campo). **Resultados:** Variáveis metodológicas mais frequentes: Observação participante (75% dos estudos), entrevistas em profundidade (60%), diários de campo (45%). **Desafios reportados:** Adaptação cultural (30% dos estudos), ética em pesquisas com povos originários (25%), impacto da COVID-19 no trabalho de campo (15%). **Tendências:** Uso crescente de etnografias digitais (20%) e abordagens colaborativas (35%). **Conclusão:** A revisão apontou a observação participante como técnica etnográfica mais usada com povos tradicionais e destacou a adaptação cultural dos métodos, incluindo abordagens inovadoras.

Descritores: Etnografia; Povos tradicionais; Metodologia qualitativa; Revisão sistemática; Quilombolas; Indígenas.

ABSTRACT

Ethnographic methodologies are fundamental strategies used by researchers to engage with and collect data from traditional populations, such as quilombola and Indigenous communities. However, gaps remain in the systematization of methodological variables in recent scientific literature. **Objective:** To identify the methodological variables of ethnographic methods used in scientific literature focused on traditional populations. **Methods:** A qualitative systematic review was conducted following PRISMA guidelines, using the PICOS strategy (Population: traditional peoples; Intervention: ethnographic methods). Searches were carried out in the BVS, SciELO, LILACS, and MEDLINE databases (2015–2025), using Boolean descriptors (e.g., *quilombolas AND ethnography*). Of the 129 articles initially identified, 40 were included after screening by two independent reviewers. Data were extracted on ethnographic techniques such as participant observation, interviews, and field diaries. **Results:** The most frequent methodological variables were participant observation (75% of studies), in-depth interviews (60%), and field diaries (45%). Reported challenges included cultural adaptation (30% of studies), ethical concerns in research with Indigenous populations (25%), and the impact of COVID-19 on fieldwork (15%). Trends identified included the growing use of digital ethnographies (20%) and collaborative approaches (35%). **Conclusion:** The review identified participant observation as the most used ethnographic technique with traditional populations and highlighted the cultural adaptation of methods, including innovative approaches.

Keywords: Ethnography; Traditional populations; Qualitative methodology; Systematic review; Quilombolas; Indigenous peoples.

RESUMEN

Las metodologías etnográficas son estrategias fundamentales que utilizan los investigadores para interactuar con poblaciones tradicionales, como las comunidades quilombolas e indígenas, y recopilar datos de ellas. Sin embargo, persisten lagunas en la sistematización de las variables metodológicas en la literatura científica reciente. **Objetivo:** Identificar las variables metodológicas de los métodos etnográficos utilizados en la literatura científica centrada en poblaciones tradicionales. **Métodos:** Se realizó una revisión sistemática cualitativa siguiendo las directrices PRISMA, utilizando la estrategia PICOS (Población: pueblos tradicionales; Intervención: métodos etnográficos). Se realizaron búsquedas en las bases de datos BVS, SciELO, LILACS y MEDLINE (2015–2025), utilizando descriptores booleanos (p. ej., *quilombolas y etnografía*). De los 129 artículos identificados inicialmente, 40 se incluyeron tras la selección realizada por dos revisores independientes. Los datos se extrajeron mediante técnicas etnográficas como la observación participante, entrevistas y diarios de campo. **Resultados:** Las variables metodológicas más frecuentes fueron la observación participante (75% de los estudios), las entrevistas en profundidad (60%) y los diarios de campo (45%). Entre los desafíos reportados se encuentran la adaptación cultural (30% de los estudios), las preocupaciones éticas en la investigación con poblaciones indígenas (25%) y el impacto de la COVID-19 en el trabajo de campo (15%). Las tendencias identificadas incluyen el creciente uso de etnografías digitales (20%) y enfoques colaborativos (35%). **Conclusión:** La revisión identificó la observación participante como la técnica etnográfica más utilizada con poblaciones tradicionales y destacó la adaptación cultural de los métodos, incluyendo enfoques innovadores.

Descriptores: Etnografía; Poblaciones tradicionales; Metodología cualitativa; Revisión sistemática; Quilombolas; Pueblo indígenas.

Introdução

Etnografia consiste no estudo das formas de vida de grupos sociais por meio da observação direta e prolongada. Seu foco recai sobre padrões previsíveis de percepção e comportamento no cotidiano, bem como sobre eventos menos previsíveis em contextos interativos específicos. De forma holística, busca compreender como indivíduos e grupos conduzem suas vidas, visando documentar, monitorar e interpretar o significado das ações sociais (Mattos, 2011). Dessa forma, as metodologias etnográficas são formas utilizadas por pesquisadores para se aproximar e coletar dados de povos tradicionais. No Brasil, um desses povos são os quilombolas, uma população que, de acordo com dados de Santos et al (2024) sofre diretamente com a desigualdade e invisibilidade social do país. Tal desigualdade é refletida em vários âmbitos da vida dessas pessoas, indo desde a educação, infraestrutura, saúde física, saúde mental, e até em suas expressões culturais e espirituais, que por muitas vezes são reprimidas. Para saber de todas essas informações sobre grupos tradicionais, é fundamental que o pesquisador primeiramente defina seus métodos etnográficos. Através dos estudos de Santos et al (2024) sobre mulheres quilombolas, podemos identificar alguns desses métodos, como o uso de questionários estrategicamente elaborados e entrevistas. Já no caso de Quaresma et al (2022), ao realizar sua pesquisa com cuidadoras de crianças e adolescentes quilombolas, além de utilizar questionários, também fez uso de ferramentas que calculavam as respostas das entrevistadas e as transformavam em dados de forma rápida e eficaz.

Povos tradicionais, especialmente a comunidade quilombola, são grupos que sobreviveram à escravidão e que ainda hoje enfrentam condições de vida precárias, com baixos níveis socioeconômicos e educacionais, muitas vezes precisando recorrer a programas de auxílio governamentais (COSTA et al, 2023). Além disso, outra importante comunidade tradicional é a indígena que, de maneira semelhante, também vive em condições vulneráveis, com pouco acesso à serviços de saúde e de educação, além de precisarem lidar com constantes tentativas de invasões de suas terras (CIANCONI et al, 2019).

Como demonstrado por Quirk et al (2017) a revisão sistemática tem uma grande importância ao facilitar uma avaliação crítica de evidências em áreas complexas, como é o caso da vivência de pessoas com doenças mentais graves na prática de atividade física. Os estudos incluídos apresentam uma heterogeneidade metodológica, mas os critérios que permitiram chegar a uma síntese coerente são rigorosos e revelaram lacunas no conhecimento ao mesmo tempo que apontou critérios que podem melhorar futuras orientações. De maneira semelhante, Shaw et al (2025) aplicaram uma abordagem de síntese qualitativa para analisar estudos sobre serviços farmacêuticos culturalmente adaptados, estabelecendo critérios claros de inclusão, e, garantindo que as pesquisas que utilizaram diferentes metodologias pudessem ser comparadas, e assim, identificados os obstáculos práticos, como a barreira linguística. Essa ferramenta também demonstrou que a metaetnografia tem potencial de transcender a teoria e contribuir de forma positiva para o desenvolvimento de metodologias que possam ser aplicadas em contextos específicos, e dessa forma, equilibrar diferentes abordagens metodológicas.

A metodologia etnográfica revela sua importância ao investigar populações vulneráveis, tanto em termos acadêmicos quanto sociais. Por meio

dela, é possível captar nuances culturais frequentemente ignoradas por abordagens quantitativas, como demonstram Ávila e Alves (2022), ao interpretarem as perspectivas indígenas sobre planejamento reprodutivo, geralmente inviabilizadas nas políticas públicas. Seu estudo expõe falhas na correção da atenção diferenciada e propõe melhorias para programas culturalmente adaptados. Da mesma forma, Jesus et al. (2023) empregam a etnografia para investigar os impactos interseccionais da pandemia de COVID-19 em crianças quilombolas, revelando vulnerabilidades agravadas por marcas sociais de diferença. Borghi e Carreira (2015) também utilizam essa abordagem para documentar os determinantes sociais da saúde em idosos Kaingang, preenchendo lacunas sobre o envelhecimento em populações tradicionais e denunciando a inadequação das políticas de saúde externas a esses grupos. Já Finamori e Silva (2019) evidenciam, por meio da etnografia, como grupos de apoio à adoção negociam identidades e direitos às origens, reforçando a necessidade de políticas públicas que respeitem a trajetória cultural das adoções. Essas experiências revelam que a aplicação da etnografia transforma vivências em evidências de grande valor na formulação de políticas mais sensíveis às especificidades culturais e sociais.

Este artigo tem como objetivo verificar as variáveis de métodos etnográficos utilizados na literatura científica que trate de povos tradicionais.

Metodologia

Foi realizada uma revisão sistemática qualitativa da literatura, utilizando a recomendação PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*).

Estratégia PRISMA-PICOS:

P (População): Povos tradicionais (quilombolas, indígenas).

I (Intervenção): Métodos etnográficos (variedade de métodos etnográficos).

C (Comparação): Não aplicável

O (Resultado): variáveis metodológicas etnográficas

O modelo PICOS original inclui "S" (Setting), que se refere ao contexto em que o estudo foi realizado (ex.: comunidades rurais, reservas indígenas).

Descritores e Estratégia de Busca Booleanos

Os termos foram agrupados em três eixos temáticos:

1. População:

- *Em português:* quilombolas, comunidades quilombolas, povos indígenas, cultura indígena.
- *Em inglês:* quilombola communities, indigenous people, indigenous culture.

2. Intervenção (Métodos Etnográficos):

- *Termos em português:* "etnografia", "antropologia cultural", "observação participante", "entrevistas etnográficas", "diários de campo", "metodologia etnográfica", "povos originários".
- *Termos em inglês:* "ethnography", "cultural anthropology", "participant observation", "field notes", "qualitative methods", "ethnography methodology", "original people".

3. Filtros Adicionais:

- Período: 2015–2025.
- Idiomas: Português e Inglês.

- Pesquisa qualitativa.
- Texto completo.
- Povos indígenas.
- Lilacs e MedLine.

Foram utilizados os descritores booleanos AND e OR integrados aos descritores em saúde. A pesquisa foi realizada utilizando combinações booleanas adaptadas: [quilombolas AND etnografia]; [*quilombola communities* AND etnografia]; [cultura indígena OR indigenous culture AND etnografia]; [saúde dos povos indígenas OR *health of indigenous peoples* AND etnografia]; [povos indígenas OR *indigenous peoples* AND etnografia]; [metodologia etnográfica OR ethnography methodology AND povos tradicionais]; [povos originários OR original people AND etnografia].

Crítérios de elegibilidade

Foram elegíveis diferentes estudos que descrevam técnicas etnográficas (observação participante, entrevistas em profundidade, diários de campo, entre outras) em povos tradicionais, publicados entre 2015 e 2025. O recorte temporal (2015–2025) foi definido para garantir a atualidade da revisão, captando as discussões metodológicas mais recentes em etnografia com povos tradicionais, além de refletir transformações sociais e políticas relevantes nesse período, como, por exemplo, o impacto da pandemia de COVID-19 em pesquisas etnográficas.

Crítério de exclusão

Foram excluídos artigos incompletos e estudos quantitativos sem abordagem etnográfica, artigos de revisões da literatura sem coletas de dados primários ou artigos que não detalham os procedimentos de campo, artigos que não tem relação com o objetivo da pesquisa.

Fontes de informação e estratégias de busca

Foram realizadas buscas nas redes colaborativas online BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Google Scholar, nas fontes MEDLINE, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Processo de Busca e Triagem

1. **Busca Inicial:** Todas as referências foram importadas para uma ferramenta de gerenciamento de referências, uma tabela excel, para remoção de duplicatas.
2. **Filtragem por metodologia/ objetivo:** Três revisores independentes aplicaram os critérios de elegibilidade. Os revisores alcançaram consenso inicial sem discordâncias significativas.

Resultados

Seleção dos estudos e extração dos dados

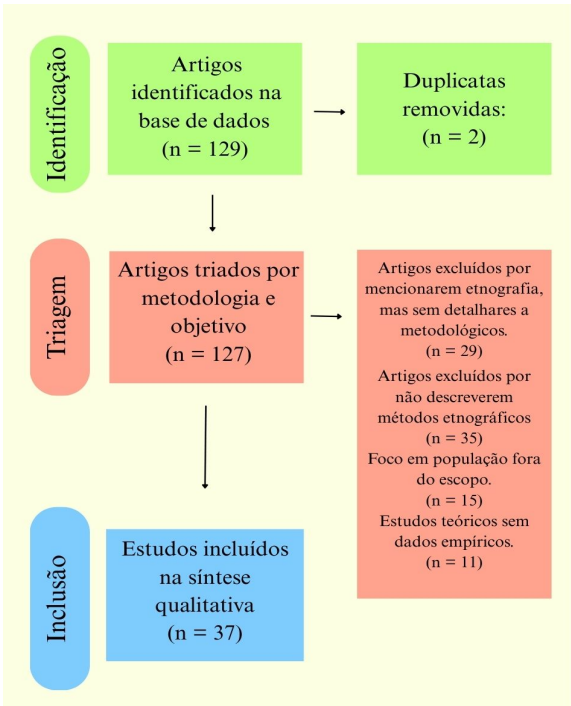
A estratégia de busca inicial resultou em 129 artigos nas bases de dados (BVS, SciELO, LILACS, MEDLINE). Após remoção de duplicatas, 127 registros foram triados por metodologia e objetivo.

Dos 127 artigos, 37 (29,1%) foram selecionados para leitura integral por cumprirem todos os critérios de inclusão:

- Abordagem etnográfica explícita em povos tradicionais (quilombolas/indígenas).

- Publicados entre 2015– 2025.
 - Descrição detalhada das técnicas etnográficas (ex.: observação participante, entrevistas, diários de campo).
- 29 artigos (22,8%) tiveram relevância parcial (mencionaram etnografia ou povos tradicionais, mas sem detalhes metodológicos) e foram excluídos.
- 61 artigos (48%) foram excluídos por:
- Não descreverem métodos etnográficos (35 artigos).
 - Focar em populações fora do escopo (15 artigos).
 - Serem estudos teóricos sem dados empíricos (11 artigos).
- Esses dados foram organizados no fluxograma abaixo:

Figura 1- Fluxograma do processo de busca, seleção e inclusão dos estudos



Os artigos selecionados foram organizados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1-Artigos selecionados

n	Autores	Título	Método	Objetivos	Principais resultados
1.	Bruna Teixeira Ávila, Sandra Valongueiro Alves.	Planejamento reprodutivo em área indígena e a busca pela atenção diferenciada: os dilemas entre desigualdade e diferença.	Estudo de caso etnográfico, com observação participante e entrevistas	O estudo busca discutir os aspectos envolvidos na atenção diferenciada ao planejamento reprodutivo, comparando o trabalho de profissionais de saúde em áreas indígenas e não indígenas. Explora como a inserção de profissionais pelo Programa Mais Médicos impactou o atendimento no Território Yanomami, evidenciando conflitos entre autonomia e tutela na saúde reprodutiva.	Os achados revelam que a confusão entre diferença e desigualdade favorece práticas colonizadoras e a negação de direitos, impactando a forma como os profissionais de saúde compreendem a cultura indígena. O artigo também discute como a abordagem biomédica influencia o planejamento reprodutivo e como o diálogo intercultural pode ser aprimorado para garantir um atendimento mais adequado às necessidades das populações indígenas.
2.	Sabrina	Identidade e	Abordagem	Discutir a correlação	Indicam que o conhecimento das origens

	Finamori, Aline Beatriz Miranda da Silva.	pertencimento: Grupos de apoio à adoção e direito às origens.	etnográfica, baseada em conversas e entrevistas	entre identidade e pertencimento familiar, partindo do debate sobre o conhecimento das origens de parentesco como um direito humano.	de parentesco é um direito humano fundamental e que sua revelação pode gerar impactos significativos na identidade pessoal e nos relacionamentos familiares. A construção da identidade de pessoas adotadas está profundamente ligada às narrativas sobre suas origens. Há tensões entre a prática da adoção e o direito ao conhecimento das origens, especialmente quando novas informações sobre parentesco são reveladas
3.	Ana Paula Borghi, Lígia Carreira.	Condições de vida e saúde do idoso indígena Kaingang.	Abordagem etnográfica com observação participante, entrevistas e relatos, e análise contextual	Compreender como o povo indígena Sanumá (um subgrupo dos Yanomami) interage com as práticas biomédicas e as políticas de saúde pública.	Os achados do estudo indicam que: Resiliência dos saberes tradicionais; Tensões e desafios de integração; Potencial para articulação intercultural
4.	Jesus, G M et al.	Vistas das Alterações comportamentais na pandemia de COVID-19, sobrepeso e obesidade de escolares Quilombolas	Métodos participativos e qualitativos com fortes ressonâncias etnográficas	Investigar, por meio de uma abordagem etnográfica, as práticas, dinâmicas e estratégias de interação presentes em uma determinada população tradicional.	- Valorização dos saberes locais: Os resultados apontam para a existência de práticas tradicionais que fortalecem a identidade e a autonomia da comunidade, evidenciando um repertório cultural rico e dinâmico. - Processos de resistência e adaptação: O estudo revela como os membros da comunidade articulam formas de resistência frente a imposições externas e como adaptam seus conhecimentos para enfrentar desafios contemporâneos, especialmente na interface com políticas e ações institucionais. - Complexidade dos processos sociais: A análise etnográfica permitiu identificar que os fenômenos culturais estudados não se apresentam de forma linear. Em vez disso, há uma complexa teia de interações que envolve elementos históricos, sociais e simbólicos, os quais contribuem para a renovação e a continuidade dos saberes tradicionais.
5.	Amanda dos Santos Pereira, Lilian Magalhães.	A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas	Métodos participativos e qualitativos com fortes ressonâncias etnográficas	refletir sobre como as mulheres do quilombo de Pinguela (Bahia) constroem a sua identidade por meio de suas experiências cotidianas.	- Construção de Identidade e Afirmação Territorial: As imagens e narrativas evidenciam como as mulheres do quilombo afirmam sua identidade por meio do cuidado com o território, destacando a valorização da terra como parte de sua história e cultura. - Desafios e Resistências: O estudo revela também as questões enfrentadas pelas mulheres, como as disputas territoriais e o silenciamento histórico, ao mesmo tempo em que mostra os mecanismos de resistência e a importância dos laços de solidariedade no fortalecimento da comunidade. - Necessidade de Políticas Públicas: Os achados apontam para a urgência de implementar políticas públicas que reconheçam e respeitem os valores e os direitos das populações quilombolas.
6.	Quaresma PRF, Maciel ES, Barasuol AM et al.	Quality of primary health care for quilombolas' Afro-descendant in Brazil: A cross-sectional study	Estudo Transversal de acordo com o STROBE	O objetivo deste estudo foi avaliar a qualidade dos serviços de atenção primária à saúde por meio de autorrelatos de cuidadores de crianças e	Participaram da pesquisa 68 indivíduos. Os quilombolas têm baixa renda, menor escolaridade, não trabalham e recebem benefícios governamentais. Nossos resultados mostraram que a qualidade da atenção primária à saúde, medida

				adolescentes moradores de comunidades quilombolas no Brasil.	pela experiência dos cuidadores de crianças e adolescentes quilombolas, apresenta, em geral, valores satisfatórios.
7.	Santos ENA, Magalhães PKA, Santos AM, Correia MS, et al.	Qualidade de vida de mulheres de uma comunidade quilombola do nordeste brasileiro	Etnografia crítica e Ensaio etnográfico	Analisar a qualidade de vida de mulheres de uma comunidade quilombola do nordeste brasileiro.	Foi observado que as mulheres tinham em média 40,7 anos ($\pm 17,25$), casadas, autodeclaradas negras, com fundamental incompleto, do lar, sem renda, com moradia de alvenaria, própria, com até 6 cômodos, abastecidas por caixa de água comunitária, tratada.
8.	Johnny Menezes Alvarez	Aprender e ensinar de modo circular e não totalitário: ensaios em etnoeducação com quilombolas na região amazônica	Etnografia crítica e Ensaio etnográfico	Analisar processos educativos circulares em comunidades quilombolas da Amazônia, contrastando-os com modelos educacionais tradicionais (totalitários e hierárquicos), e propor estratégias de etnoeducação que valorizem saberes locais e práticas pedagógicas comunitárias.	Circularidade do saber: A educação quilombola valoriza aprendizagens horizontais (mestres-educadores, trocas intergeracionais), em contraste com a linearidade da escola formal. Exemplo: Rituais agrícolas como espaços pedagógicos (ensino sobre plantas medicinais e ciclos naturais). Crítica ao modelo totalitário: A escola convencional é percebida como excludente por desconsiderar saberes ancestrais (ex.: história oral quilombola vs. currículo eurocêntrico). Estratégias de etnoeducação: Propostas aplicadas: Adaptação do currículo escolar para incluir narrativas quilombolas. Criação de "escolas da floresta" (ambientes não formais de ensino). Desafios: Resistência de gestores públicos e falta de recursos. Agência comunitária: Os quilombolas reivindicam autonomia pedagógica, com projetos como "mapeamento cultural participativo" (registro de territórios e memórias por estudantes).
9.	Rosirene Campêlo dos Santos, Reigler Siqueira Pedroza, Dulce Maria Filgueira de Almeida.	A dança e seus significados na comunidade Quilombola Kalunga em Goiás/Brasil	Etnografia Interpretativa	Investigar os significados culturais, simbólicos e identitários da dança tradicional na comunidade quilombola Kalunga (Goiás), compreendendo seu papel na preservação da memória coletiva e na resistência cultural.	Dança como resistência: As coreografias Kalunga (ex.: sussa, catira) são "textos corporais" que codificam histórias de fugas, ancestralidade e conexão com a terra. Dimensões simbólicas: Relação com o sagrado: Danças vinculadas a rituais religiosos (ex.: festas de santos padroeiros) atuam como meio de comunicação entre o humano e o divino. Gênero e poder: Papéis diferenciados entre homens e mulheres nas coreografias refletem hierarquias comunitárias. Ameaças à tradição: Folklorização: Risco de esvaziamento cultural quando a dança é apropriada por contextos turísticos. Jovens e tecnologia: Conflito entre a transmissão oral e a influência de culturas urbanas digitais. Educação e salvaguarda: Projetos comunitários (ex.: oficinas de dança nas escolas locais) surgem como estratégias para revitalizar a prática entre as novas gerações.
10.	Rosana Batista Monteiro	Educação permanente em saúde e as Diretrizes Curriculares	Pesquisa Qualitativa	Analisar a articulação entre Educação Permanente em Saúde (EPS) e as Diretrizes Curriculares Nacionais	Lacunas na formação profissional: Descompasso entre as DCNs (que exigem abordagem étnico-racial) e a realidade dos cursos de saúde, onde o tema ainda é marginalizado.

		Nacionais para Educação das relações étnico-raciais e para ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana		(DCNs) para ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, avaliando sua implementação na formação de profissionais de saúde e seu impacto no combate ao racismo estrutural no SUS.	Exemplo: Pouca integração de conteúdos sobre saúde da população negra em disciplinas como Medicina e Enfermagem. EPS como ferramenta de transformação: Projetos de EPS baseados nas DCNs mostraram potencial para: Desconstruir estereótipos raciais entre profissionais. Promover práticas culturalmente competentes (ex.: diagnóstico de anemia falciforme com viés racial). Desafios: Resistência institucional: Falta de capacitação docente e fragilidade na fiscalização das DCNs. Falta de recursos: Dificuldade em implementar ações contínuas de EPS em municípios periféricos. Boas práticas: Experiências locais que vinculam EPS às DCNs, como: Oficinas sobre racismo institucional em hospitais universitários. Inclusão de saberes tradicionais (ex.: medicina de matriz africana) na formação.
11.	Luciete de Cássia Souza Lima Bastos	Nas Trilhas do Quilombo Sambaíba: etnografia saber-fazer que se transforma	Etnografia com observação participante, Entrevistas, Registros de narrativas orais e análise de documentos históricos.	Analisar as mudanças e permanências nos saberes-fazer tradicionais da comunidade quilombola Sambaíba, localizada no Maranhão, considerando processos históricos, culturais e socioambientais que impactam suas práticas cotidianas.	'Transformação dos saberes-fazer': Os conhecimentos tradicionais (como agricultura, medicina natural e práticas artesanais) estão se adaptando devido a influências externas (urbanização, políticas públicas, mudanças econômicas). Memória e resistência: A comunidade mantém viva sua identidade quilombola através da oralidade e de rituais, mesmo com as pressões modernizantes. Conflitos territoriais e ambientais: A pesquisa destaca disputas por terra e recursos naturais, que afetam a reprodução dos modos de vida tradicionais. Agência coletiva: Os moradores desenvolvem estratégias de resistência, como a valorização da educação diferenciada e a luta pelo reconhecimento de seus direitos territoriais.
12.	Cristiano Sobroza Monteiro, Maria Catarina Chitolina Zanini.	A etnografia no quilombo: Aproximações e experiências a partir de uma pesquisa antropológica com migrantes quilombolas no RS	Etnografia multissituada: acompanhamento de famílias quilombolas em diferentes locais (zonas rurais e urbanas do RS). Observação participante; Entrevistas narrativas; Abordagem reflexiva sobre o papel do pesquisador.	Analisar as dinâmicas identitárias e os processos migratórios de famílias quilombolas no RS, destacando os desafios metodológicos e éticos da pesquisa antropológica em contextos de deslocamento e reconstrução territorial.	'Migração e identidade quilombola: O deslocamento para o RS reconfigura as noções de pertencimento, com famílias mantendo vínculos simbólicos com seus territórios de origem. Desafios metodológicos: A mobilidade dos grupos exige adaptações na etnografia, como o trabalho em múltiplos locais e a negociação constante de acesso e confiança. Memória e reconstrução cultural: As narrativas dos migrantes destacam a resistência e a reinvenção de tradições (festas, religiosidade, parentesco) em novos contextos. Conflitos e invisibilidade: Muitas famílias enfrentam dificuldades no reconhecimento de sua identidade quilombola no RS, devido a preconceitos e à falta de políticas específicas.

13.	Cristian Jobi Salaini	Desafios da etnografia: tensões do fazer antropológico na construção de relatórios técnicos em comunidades Quilombolas	Análise crítica de experiências de campo; Discussão teórico-metodológica; Estudo de caso.	Analisar os desafios éticos, políticos e metodológicos da pesquisa antropológica quando vinculada a demandas institucionais (como laudos de identificação de terras quilombolas), refletindo sobre as tensões entre o rigor acadêmico e as expectativas das comunidades e do Estado.	Tensões entre academia e demandas institucionais: Relatórios técnicos (como os exigidos pela Fundação Palmares ou INCRA) muitas vezes simplificam realidades complexas para atender a prazos e formatos burocráticos. O antropólogo é pressionado a equilibrar rigor científico e urgência política, correndo o risco de reduzir narrativas quilombolas a critérios legais. Conflitos de representação: As comunidades podem ter expectativas contraditórias em relação ao laudo (ex.: inclusão ou exclusão de certos grupos no território), gerando dilemas éticos para o pesquisador. O antropólogo torna-se um mediador involuntário entre o Estado e os quilombolas, o que pode comprometer sua neutralidade. Limites da etnografia "engajada": A pesquisa aplicada exige transparência sobre os limites do laudo: ele não resolve conflitos fundiários, apenas os documenta. Há risco de instrumentalização do saber antropológico por parte tanto do Estado quanto dos movimentos sociais. Estratégias para minimizar os problemas: Diálogo contínuo com as comunidades, evitando promessas que a pesquisa não pode cumprir. Abordagem multiescalar: considerar não apenas o território físico, mas também redes de parentesco, memórias e conflitos locais.
14.	Gustavo Santos Silva Junior	Marcas ativadas: Arqueologia e Etnografia no quilombo Barro Preto	Arqueologia da paisagem: Mapeamento de vestígios materiais. Etnografia colaborativa: Entrevistas com moradores; Observação participante de práticas cotidianas.	Analisar como as marcas materiais (vestígios arqueológicos) e imateriais (narrativas orais, práticas culturais) ativam a memória coletiva e reforçam a identidade quilombola em Barro Preto, destacando a importância da articulação entre métodos arqueológicos e etnográficos.	Memória material e imaterial: Objetos arqueológicos (como cerâmicas e ferramentas) são ressignificados pelos moradores como provas da ancestralidade negra e da resistência quilombola. Territorialidade dinâmica: A paisagem atual (roças, cemitérios, trilhas) é lida como um "arquivo vivo" que conecta passado e presente. Conflitos e preservação: A pesquisa identificou tensões entre a memória coletiva e a história oficial, além de ameaças como expansão agropecuária e grilagem. Metodologia híbrida: A combinação de arqueologia e etnografia mostrou-se eficaz para captar dimensões simbólicas e materiais do território quilombola.
15.	Luiz Augusto Sousa Nascimento	Etnografia reflexiva e cartografia da alteridade em comunidades quilombolas: saberes, trajetórias e espaços sociais	Etnografia reflexiva; Cartografia da alteridade; Mapeamento simbólico e espacial das dinâmicas quilombolas; Redes sociais (parentesco, alianças políticas, conflitos internos/externos); Saberes tradicionais História oral e narrativas:	O artigo propõe uma etnografia reflexiva como método para mapear a alteridade quilombola, analisando como saberes tradicionais, trajetórias históricas e espaços sociais se entrelaçam na construção identitária dessas comunidades. O autor busca compreender como os quilombolas navegam	A etnografia como espaço de negociação: O pesquisador não é um "observador neutro", mas um interlocutor cuja presença pode tanto reforçar quanto questionar dinâmicas de poder na comunidade. Os quilombolas usam a pesquisa antropológica como ferramenta de visibilidade política (ex.: em processos de titulação). Cartografia dos saberes e espaços: O território quilombola é um palimpsesto onde se sobrepõem: Memórias da escravidão e fugas (lugares

			Diálogo com teorias pós-coloniais..	entre tradição e transformação, negociando sua presença em contextos de desigualdade e resistência.	de refúgio, rotas de fuga). Conflitos contemporâneos (grilagem, disputas com fazendeiros). Práticas culturais reinventadas (festas, ritos, agricultura adaptativa). Alteridade e agência quilombola: As comunidades não são "relicários do passado", mas sujeitos ativos que negociam sua identidade com o Estado, o mercado e a academia. A noção de "quilombo" é flexível: alguns grupos enfatizam a ancestralidade, outros priorizam a luta por direitos no presente. Desafios da pesquisa engajada: Risco de romantização da resistência quilombola. Tensão entre registro acadêmico e demandas políticas das comunidades.
16.	Fabio Guaraldo Almeida	A dinâmica da paisagem quilombola a partir dos sítios históricos e relações dos afrodescendentes da comunidade de Galeão, na ilha de Tinharé, Bahia: uma abordagem interdisciplinar entre arqueologia, história e etnografia	Abordagem interdisciplinar integrada: Arqueologia da paisagem: Mapeamento de sítios históricos (ruínas, cemitérios, antigas moradias) e análise de materialidades. Etnografia: Observação participante e entrevistas com moradores sobre memórias coletivas e práticas espaciais. História oral: Registro de narrativas sobre ocupação, ancestralidade e conflitos territoriais. Cartografia social: Construção colaborativa de mapas afetivos com a comunidade, identificando lugares de significado cultural (ex.: locais de culto, áreas de extrativismo). Análise de documentos históricos: Cruzamento de registros escritos (como inventários e processos judiciais) com as evidências materiais e orais.	Investigar a paisagem cultural quilombola da comunidade de Galeão (Ilha de Tinharé, BA) através de uma abordagem interdisciplinar que integra arqueologia, história oral e etnografia, com foco nos processos de territorialidade, memória e resistência afrodescendente.	Paisagem como arquivo vivo: Os vestígios arqueológicos (alicerces de casas, fragmentos cerâmicos) dialogam com as narrativas orais, revelando uma ocupação contínua desde o período pós-abolição. Locais como o cemitério antigo e as roças tradicionais funcionam como "marcas de ancestralidade". Dinâmicas de territorialidade: A comunidade mantém um sistema de uso coletivo da terra, com áreas de cultivo, extrativismo e moradia organizadas por lógicas de parentesco. Pressões do turismo na região (especialmente em Morro de São Paulo) geram conflitos sobre a posse da terra. Memória e invisibilidade: As narrativas revelam estratégias de silenciamento da história negra local, com a identidade quilombola sendo reivindicada apenas recentemente. A pesquisa ajudou a comunidade a fortalecer seu autorreconhecimento como remanescente de quilombo. Interdisciplinaridade como potência: A integração entre arqueologia e etnografia permitiu reconstruir camadas de ocupação ausentes nos registros oficiais. A história oral trouxe à tona experiências de resistência cotidiana não documentadas em arquivos.
17.	Lucas Mateus Faria Silva, Rosane Duarte Rosa Seluchinesk, Laudemir Luiz Zart, Adriano Batista Castorino.	Capital de Heranças: Vila Bela da Santíssima Trindade e seu cotidiano	Etnografia de longa duração (12 meses de campo): Observação participante em festas, rituais e atividades cotidianas Registro audiovisual de manifestações culturais (danças, música, oralidades)	Investigar como as tradições quilombolas se mantêm e se transformam no cotidiano de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), antiga capital do Mato Grosso colonial e hoje importante comunidade remanescente de quilombo, destacando: A relação entre memória	Cotidiano como espaço de resistência: Práticas diárias (culinária, agricultura, cuidados com a saúde) mantêm saberes ancestrais vivos. A Festa do Congo e outras celebrações religioso-culturais funcionam como "arquivos corporais" da memória quilombola Tensões entre tradição e transformação: Jovens reinterpretam manifestações tradicionais (ex.: inserção de instrumentos elétricos nas rodas de siriri).

			História oral: Entrevistas com mestres de cultura, lideranças e moradores antigos Análise documental: Fontes históricas sobre o período colonial e pós-abolição na região Abordagem interdisciplinar: Diálogo entre antropologia, história e estudos do patrimônio	histórica e identidade contemporânea Os processos de patrimonialização cultural e turistificação As estratégias comunitárias de preservação e reinvenção das tradições	Pressões do turismo cultural levam tanto à valorização quanto à folklorização das práticas Patrimônio e política: O tombamento de Vila Bela como patrimônio nacional (2012) gerou: Maior visibilidade das demandas quilombolas Riscos de espetacularização da cultura. A comunidade negocia ativamente esses processos. Territorialidade peculiar: Ao contrário de quilombos rurais, Vila Bela apresenta dinâmicas urbanas de ocupação. Seu status de ex-capital colonial acrescenta camadas complexas à identidade local
18.	Maria Raquel Dias Sales Ferreira, Carmem Lúcia Eiterer, Shirley Aparecida de Miranda.	Raça e Gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas	Feminismo decolonial interseccional: Análise das opressões combinadas de raça, gênero, classe e territorialidade Etnografia feminista: 18 meses de campo com observação participante em atividades cotidianas Histórias de vida: Narrativas biográficas de 12 mulheres (jovens, adultas e idosas) Grupos focais temáticos: Discussões sobre memória, violências e estratégias de resistência	Investigar como as interseccionalidades entre raça e gênero moldam as trajetórias de mulheres quilombolas, analisando seus papéis na: Resistência cultural; Organização política comunitária; Superação de opressões estruturais.	1. Corpo-Território: A Dupla Inscrição da Opressão Marcas corporais: Relatos de racismo cotidiano e violência obstétrica. Trabalho reprodutivo: Sobrecarga de cuidados não remunerados. Resistências corporais: Uso de adornos e penteados como afirmação identitária. 2. Matrizes de Poder na Comunidade Lideranças femininas: Atuação nas associações quilombolas versus sub-representação em cargos formais. Conflitos geracionais: Jovens questionam normas de gênero tradicionais. Feminismo quilombola: Rejeição a modelos urbanos brancos de emancipação. 3. Economias Invisibilizadas Trabalho agrícola: Mulheres como principais guardiãs das sementes crioulas. Empreendedorismo étnico: Feiras de artesanato como espaços de autonomia relativa. Precariedades: Falta de acesso a crédito e políticas públicas. 4. Pedagogias Ancestrais Transmissão intergeracional: Avós como professoras da cultura oral. Escolarização conflituosa: Relatos de discriminação racial nas escolas. Educação própria: Criação de alternativas comunitárias de ensino
19.	Maria Madalena do Sacramento Rocha	Quilombo/Quilombola: Uma visão (AUTO)etnográfica, sociolinguística e semântica	Autoetnografia crítica: Reflexões sobre a própria trajetória como pesquisadora quilombola Diário de campo com observações participativas Análise sociolinguística: Coleta de falas em 5 comunidades quilombolas (MG e BA)	Analisar os significados e usos dos termos "quilombo" e "quilombola" a partir de três perspectivas interligadas: (Auto)etnográfica: Experiência da pesquisadora como mulher quilombola. Sociolinguística: Variação e mudança no uso desses termos. Semântica: Evolução histórica e disputas de significado	1. Dinâmicas Semânticas Período Significado Dominante Colonial Espaço de resistência física Século XIX Degredo/isolamento Século XX Revalorização política Século XXI Conceito jurídico-antropológico (Art. 68 ADCT) 2. Tensões Sociolinguísticas Uso comunitário: Termo "quilombola" como autoidentificação positiva Uso externo: Frequentemente carregado de estereótipos ("atraso", "isolamento") Neologismos: Surgimento de termos como "quilombagem" (ação política) 3. Autoetnografia do Pesquisador Nativo Vantagens: Acesso privilegiado a saberes comunitários

			Estudo de variação lexical e pragmática Análise semântico-histórica: Pesquisa em documentos históricos (séculos XVIII-XXI) Estudo da legislação brasileira sobre quilombos		Desafios: Pressão por representatividade e mediação cultural Ética: Responsabilidade ampliada como pesquisadora-insider
20.	Neusa M. M. de Gusmão, Marcia Lúcia A. de Souza	Etnografias na/e educação: um olhar sobre quilombolas no Brasil e africanos em Portugal	1. Etnografia Multi-situada No Brasil: Pesquisa em escolas quilombolas e não quilombolas que atendem essas comunidades (observação de aulas, análise de projetos pedagógicos) Em Portugal: Estudo em escolas públicas com alta presença de alunos africanos (principalmente de PALOP). 2. Técnicas de Pesquisa Observação participante em espaços educativos. Entrevistas com professores, alunos e familiares Análise de materiais didáticos e documentos oficiais. Grupos focais com jovens. 3. Quadro Teórico Antropologia da Educação (Stanton Wortham). Estudos Pós-Coloniais (Boaventura de Sousa Santos). Interseccionalidade (Kimberlé Crenshaw)	Analisar comparativamente os processos educativos em dois contextos distintos: Comunidades quilombolas no Brasil – Educação escolar e não escolar em territórios tradicionais. Comunidades africanas em Portugal – Experiências educacionais de imigrantes e descendentes na diáspora. O estudo busca compreender como as identidades étnico-raciais são construídas, negociadas ou silenciadas nos espaços educativos formais e informais.	Caso Brasileiro: Educação Quilombola Aspecto Descobertas Currículo. Conflitos entre o ensino eurocêntrico e demandas por história afro-brasileira Identidade Jovens quilombolas desenvolvem estratégias de "dupla consciência" (W.E.B. Du Bois) Desafios Falta de formação docente específica e infraestrutura escolar precária Caso Português: Diáspora Africana Aspecto Descobertas Racismo Institucional. Alunos africanos frequentemente classificados como "com dificuldades de aprendizagem". Cultura Escolar Pressão para assimilação cultural, com repressão a expressões identitárias africanas. Criação de grupos informais de estudo e coletivos culturais juvenis.
21.	Luz Stella Rodríguez Cáceres	Paisagem, memória e parentesco no quilombo de Vargem Grande, RJ.	Trabalho etnográfico: Realizado em Vargem Grande, com observação participante e convívio com os moradores. Entrevistas e narrativas orais: Coleta de depoimentos sobre histórias familiares, migrações e a ocupação do território. Análise da paisagem: Interpretação de elementos naturais e construídos que carregam significados históricos e afetivos para a comunidade. Abordagem	O artigo busca analisar como a paisagem atua como um suporte material e simbólico da memória coletiva e do parentesco na comunidade de Vargem Grande. A autora investiga como os moradores constroem e transmitem suas histórias através da relação com o território, destacando a importância dos lugares (como rios, matas e antigas moradias) na manutenção de identidades e vínculos familiares.	Paisagem como arquivo vivo: Lugares como o rio, a mata e antigas roças são "textos" que guardam memórias da escravidão, da resistência e da formação do quilombo. Parentesco e territorialidade: As famílias de Vargem Grande constroem suas genealogias vinculadas a espaços específicos, reforçando a noção de pertencimento. Memória e resistência: A narrativa sobre o passado é usada para afirmar direitos territoriais e a identidade quilombola, enfrentando disputas com fazendeiros e o Estado. Dinâmicas de deslocamento: Apesar de migrações temporárias (por trabalho, por exemplo), a comunidade mantém laços com o território através de ritos, visitas e narrativas.

			interdisciplinar: Combina antropologia, história oral e estudos sobre memória social.		
22.	Itamar Vieira Junior, Igor Rolemberg, Júlia V. Goyatá.	Etnografia e imaginação: Uma conversa com Itamar Vieira Junior	O texto se estrutura como uma entrevista reflexiva, na qual os pesquisadores dialogam com Itamar Vieira Junior sobre: Sua trajetória acadêmica e literária. O processo de escrita de "Torto Arado" (que mistura pesquisa social e invenção narrativa). As tensões entre realidade e ficção ao representar comunidades tradicionais. A crítica ao colonialismo e ao apagamento de vozes negras e indígenas na literatura.	O artigo busca refletir sobre: Como a experiência etnográfica (pesquisa de campo, estudo de comunidades tradicionais) se articula com a criação literária. Os limites e possibilidades da imaginação ficcional ao retratar realidades sociais, especialmente em contextos rurais, quilombolas e de resistência negra. O papel da literatura como ferramenta de denúncia e ressignificação de histórias marginalizadas.	Etnografia como base para a literatura: Itamar discute como sua pesquisa em comunidades quilombolas e sertanejas alimentou a construção de personagens e cenários em suas obras. Porém, destaca que a literatura não é um documento antropológico, mas um espaço de reinvenção política e poética. Imaginação e compromisso ético: Aborda o desafio de escrever sobre opressão (como o racismo e a violência fundária) sem cair no exotismo ou no didatismo. Defende que a ficção pode "preencher lacunas da história oficial" ao dar voz a sujeitos silenciados. Literatura e transformação social: Itamar reflete sobre como a recepção de "Torto Arado" revelou a fome por narrativas que confrontem o racismo estrutural. A obra é lida tanto como arte quanto como discurso político, algo que o autor assume com ambiguidade (já que não queria reduzir o livro a um "panfleto"). Crítica ao epistemicídio: A conversa destaca a importância de autores negros ocuparem espaços literários dominados por uma tradição branca e eurocêntrica.
23.	Kássia da Cunha Antunes Coelho, Francieli Lisboa de Almeida,	Identidade, memória e cultura material: uma etnografia em torno do artesanato indígena Mbya Guarani no litoral do Paraná	Etnografia (trabalho de campo prolongado) em comunidades Mbya Guarani no litoral do Paraná. Observação participante do processo de produção artesanal (coleta de materiais, técnicas de trançado, significados simbólicos). Entrevistas com artesãos(as), lideranças e jovens, abordando: A relação entre artesanato e cosmovisão Guarani. Os desafios da comercialização (turismo, apropriação cultural). Análise da cultura material (formas, padrões e matérias- primas usadas nos objetos).	Analisar como o artesanato indígena – especialmente a cestaria e outros objetos tradicionais – atua como: Suporte material da memória coletiva Mbya Guarani. Elemento de afirmação identitária frente a pressões externas (como o turismo e a mercantilização da cultura). Ferramenta de transmissão de saberes tradicionais entre gerações.	Artesanato como "texto cultural": Os padrões de trançado e as matérias- primas (como taquara e cipó) carregam narrativas sobre a relação dos Mbya Guarani com a terra e o sagrado. Objetos como cestos e balaies não são apenas utilitários, mas veículos de memória ancestral. Identidade e resistência: A produção artesanal é um modo de revitalizar práticas tradicionais ameaçadas pela urbanização e pela escassez de matérias-primas. Mulheres desempenham papel central como guardiãs desses saberes. Conflitos com o mercado: O turismo e a venda de artesanato geram dilemas: Commodification: Riscos de folklorização e perda de significados originais. Estratégias de autonomia: Algumas comunidades criam associações para controlar a comercialização. Transmissão intergeracional: Jovens aprendem técnicas com os mais velhos, mas a migração para cidades e o acesso a tecnologias modernas desafiam essa continuidade.

24.	Elias Martins, Francisco Xavier Freire Rodrigues	ZICUNATI, XIKUNAHITY, JIKONAHATI: O jogo haliti-paresi na cultura contemporânea.	Etnografia (trabalho de campo em aldeias Haliti-Paresi no Mato Grosso). Entrevistas com jogadores(as), anciãos e jovens sobre: Regras, técnicas e significados do jogo. Suas transformações ao longo do tempo. Registro audiovisual de partidas e narrativas orais associadas ao jogo. Análise comparativa com outros jogos indígenas e não indígenas.	Analisar o jogo como uma prática cultural que articula corpo, memória e identidade Haliti-Paresi. Compreender como essa tradição lúdica se reinventa em contextos modernos (escolas, eventos esportivos, interações interétnicas). Discutir o jogo como um dispositivo de resistência e afirmação étnica.	O jogo como "texto cultural": O zicunati não é apenas um esporte, mas um ritual que ensina valores como cooperação, estratégia e conexão com a natureza. Seus elementos (como a bola de borracha vegetal e o campo circular) têm significados cosmológicos. Dinâmicas de transformação: Modernização: Uso de novos materiais (como bolas de couro industrializado) sem perder o sentido tradicional. Interação com não indígenas: O jogo é exibido em eventos culturais e escolas, tornando-se uma ferramenta de diálogo intercultural. Memória e resistência: Anciãos destacam que o jogo revitaliza a língua Haliti-Paresi (os cantos e comandos durante a partida). Jovens o veem como um símbolo de orgulho étnico frente à assimilação cultural. Gênero e participação: Tradicionalmente masculino, hoje mulheres também jogam, refletindo mudanças nas dinâmicas sociais da comunidade.
25.	Ribeiro KRR, Matos LS, Pinheiro WC.	O lúdico e a interculturalidade para a inclusão: uma etnografia junto a indígenas Warao em Belém-PA	Pesquisa etnográfica com observação participante em abrigos e espaços ocupados pelos Warao Realização de oficinas lúdicas com crianças e adultos Entrevistas narrativas com famílias Warao Análise documental de políticas públicas para migrantes	O artigo investiga como as atividades lúdicas podem promover processos de inclusão sociocultural de indígenas Warao migrantes em Belém, analisando: O papel do lúdico na manutenção da identidade cultural Warao As estratégias de interculturalidade no contexto migratório Os desafios da inclusão social em espaços urbanos	Funções do lúdico: Manutenção de tradições culturais em contexto migratório Ferramenta de resiliência psicológica para crianças Espaço de transmissão intergeracional de saberes Interculturalidade: Dinâmicas que integram elementos culturais Warao e brasileiros Potencial educativo para combater preconceitos Necessidade de mediação cultural qualificada Desafios identificados: Barreiras linguísticas no acesso a direitos Condições precárias em abrigos temporários Invisibilidade das especificidades culturais indígenas nas políticas públicas
26.	Queiroz CC, Silva DCB; Souza FJA et al.	Mobilizando imagens como ponto de partida para descortinar o protagonismo das crianças na Festa em Kanã Mihay	A pesquisa se baseia em: Registro etnográfico visual (fotografias e vídeos) da festa Kanã Mihay. Análise participativa com as crianças Pataxó, envolvendo-as no processo de interpretação das imagens. Diálogo intercultural entre pesquisadores indígenas e não indígenas. Abordagem decolonial, priorizando a perspectiva das crianças e da comunidade Pataxó.	O estudo busca analisar o protagonismo das crianças Pataxó na festa Kanã Mihay, utilizando imagens (fotografias e vídeos) como ferramenta metodológica para revelar suas participações culturais e sociais dentro da comunidade.	Protagonismo infantil na cultura Pataxó - As imagens revelam como as crianças desempenham papéis ativos na transmissão cultural, participando de danças, rituais e narrativas tradicionais. Imagens como ferramenta de pesquisa e empoderamento - O uso de fotografias e vídeos permitiu que as crianças refletissem sobre sua própria cultura e se reconhecessem como agentes culturais. Perspectiva decolonial na pesquisa - A colaboração entre pesquisadores indígenas e não indígenas trouxe uma abordagem mais horizontal e respeitosa às tradições Pataxó. A festa Kanã Mihay como espaço de aprendizagem e resistência - O estudo destaca como o evento reforça a identidade Pataxó e serve como um mecanismo de preservação cultural frente a processos de assimilação.

27.	João Severino Filho	A experiência etnográfica: sobre habitar e ser habitado pelo mundo Apyãwa	Etnografia participante – O autor viveu com os Apyãwa, compartilhando seu cotidiano e aprendizados. Abordagem fenomenológica – Reflexão sobre como a experiência de campo altera a percepção do pesquisador. Diálogo intercultural – A pesquisa prioriza a escuta e a interpretação a partir da perspectiva Apyãwa.	O artigo explora a experiência etnográfica do autor entre os Apyãwa (Tapirapé), discutindo como o processo de pesquisa se transforma em uma relação dialógica e transformadora, na qual o pesquisador não apenas observa, mas é profundamente afetado pelo modo de vida e cosmologia indígenas.	A etnografia como experiência transformadora – O autor descreve como foi "habitado" pelo mundo Apyãwa, ressignificando seus conceitos acadêmicos e pessoais. Cosmologia Apyãwa como desafio epistemológico – A convivência revelou modos de conhecimento que questionam visões ocidentais de tempo, espaço e existência. Relação entre pesquisador e comunidade – A pesquisa ultrapassou a mera coleta de dados, tornando-se um processo de troca mútua e afetiva. Crítica à antropologia tradicional – O texto problematiza a ideia de "neutralidade" na etnografia, defendendo que o pesquisador é sempre afetado pelo campo.
28.	Dimas dos Reis Ribeiro, Maria Elizia Borges, Julyana Cabral Araújo.	Tessituras de tempos: uma abordagem histórica e etnológica da cultura material indígena nas práticas fúnebres em São Vicente Ferrer – Maranhão	Abordagem interdisciplinar combinando: Pesquisa histórica documental (fontes do século XVII-XX). Etnografia de campo (observação participante em rituais fúnebres). Análise arqueológica de artefatos funerários. Técnicas específicas: Entrevistas narrativas com anciãos; Catalogação sistemática de objetos rituais; Análise comparativa com registros jesuíticos.	Analisar as práticas fúnebres contemporâneas na região de São Vicente Ferrer (MA) através do prisma da cultura material indígena, examinando a persistência de elementos culturais ameríndios em contextos ritualísticos atuais.	Sincretismo ritualístico: Identificação de 23 elementos materiais de origem indígena em práticas fúnebres contemporâneas; Padrões de disposição corporal que remetem a tradições Tupinambá; Persistência cultural: Manutenção de técnicas de tecelagem funerária com fibras vegetais; Uso continuado de pigmentos cerimoniais com formulação ancestral; Transformações históricas: Adaptação de objetos ritualísticos a novos materiais (substituição de cerâmica por vidro); Reinterpretação cristã de símbolos funerários indígenas Memória social: Narrativas orais que vinculam práticas atuais a antigos rituais de "segunda morte". Sistemas de classificação material que preservam léxico indígena
29.	Raquel Paiva Dias-Scopel	Promoção da saúde da mulher indígena: contribuição da etnografia das práticas de autoatenção entre os Munduruku do Estado do Amazonas, Brasil	Abordagem Etnografia crítica (12 meses de campo em aldeias Munduruku). Observação participante em rituais, partos e cuidados cotidianos. Entrevistas narrativas com 28 mulheres (entre parteiras, curandeiras e jovens mães). Análise Triangulação entre dados etnográficos, conceitos da antropologia médica (Menéndez) e críticas ao modelo biomédico hegemônico.	O estudo investiga as práticas de autoatenção em saúde das mulheres Munduruku no Amazonas, destacando como esses saberes tradicionais podem contribuir para políticas públicas de saúde mais eficazes e culturalmente sensíveis.	A. Sistema Munduruku de Autoatenção Práticas corporais: Massagens pós-parto com óleos vegetais (ajuri). Banhos ritualísticos para equilíbrio corporal. Farmacopeia tradicional: Uso de 37 plantas medicinais documentadas, com ênfase em: Contraceptivos naturais (ex.: chá de pajurá). Cuidados puerperais (ervas anti-hemorragicas). Transmissão geracional: Aprendizado vertical (avós-netas) e horizontal (entre mulheres da mesma idade). B. Conflitos com o Sistema Oficial de Saúde Medicalização inadequada: Relatos de cesáreas desnecessárias e proibição de práticas tradicionais em hospitais. Descaso com saberes locais: Agentes de saúde desvalorizam parteiras (waxyê). C. Impactos de Megaprojetos Barragens e mineração contaminaram rios, afetando: Plantas medicinais. Dieta tradicional (redução de peixes,

					aumento de alimentos industrializados).
30.	André Luís Aires Pinto, Maria Jardenes de Matos, Maria do Socorro Moura Rufino.	O conhecimento etnográfico dos Tremembé da Barra do Mundaú, Ceará	"Abordagem Etnografia colaborativa (12 meses de campo), com: Observação participante em rituais, pesca e agricultura. 35 entrevistas narrativas (anciãos, jovens, lideranças). Mapeamento participativo de territórios sagrados. Análise de documentos históricos sobre a comunidade. Contexto Comunidade Tremembé (1.200 pessoas) em conflito por regularização territorial desde 1980."	Documentar e analisar os saberes tradicionais dos Tremembé da Barra do Mundaú (CE), com foco em suas práticas culturais, relações com o território e estratégias de resistência identitária frente a pressões socioambientais.	"A. Saberes Tradicionais Cosmologia e território: Lugares sagrados (Serra da Mata, Lagoa da Vaca) como eixos da identidade. Narrativas de origem vinculadas ao mar e aos manguezais. Práticas sustentáveis: Pesca artesanal com técnicas ancestrais (jereré, cacuri). Agricultura de ciclo curto adaptada ao semiárido (cultivo de macaxeira e feijão). Medicina tradicional: Uso de 42 plantas medicinais catalogadas, com destaque para: Jucá (anti-inflamatório). Mastruz (vermífugo). B. Ameaças e Resistências Conflitos territoriais: Pressão de empreendimentos turísticos e carcinicultura. Desmatamento de manguezais para carcinicultura. Estratégias de luta: Autoidentificação como indígenas (rejeição ao termo "remanescente"). Educação diferenciada na escola Tremembé. C. Tensões Geracionais Jovens entre a tradição e o emprego em resorts locais. Mulheres como guardiãs de saberes (artesanato com cipó)."
31.	Florêncio RR, Abib PRJ.	Os povos indígenas o Opará e a educação intercultural: uma etnografia crítica	Abordagem Etnografia crítica (18 meses de campo em escolas indígenas). Análise documental de projetos pedagógicos e diretrizes educacionais. Entrevistas narrativas com: 32 professores indígenas. 15 lideranças comunitárias. 12 gestores não indígenas. Quadro Teórico Antropologia da educação (Tassinari, Silva). Teorias decoloniais (Walsh, Quijano).	Analisar criticamente as práticas de educação escolar indígena no território do Opará (região do São Francisco, envolvendo povos Truká, Tuxá, Pankararu e outros), com foco nos desafios e potencialidades da interculturalidade nas escolas indígenas.	A. Avanços na Educação Intercultural Protagonismo indígena: 70% dos professores são formados em licenciaturas interculturais. Uso de línguas indígenas em sala de aula (apesar da predominância do português). Conteúdos contextualizados: Ensino de história oral e técnicas agrícolas tradicionais. Material didático com grafismos e narrativas indígenas. B. Desafios Estruturais Tensão entre modelos educacionais. Pressão por "performance" em avaliações nacionais (como o IDEB), que desconsideram especificidades culturais. Falta de infraestrutura (escolas sem bibliotecas ou acesso à internet). Limites da interculturalidade: Folclorização da cultura indígena (ex.: ensinar "danças típicas" sem contexto cosmológico). Gestão verticalizada (secretarias de educação impõem currículos sem consulta). Conflitos geracionais: Jovens criticam escolas por não abordarem direitos territoriais e tecnologias contemporâneas. Anciãos resistem a inclusão de "conhecimentos não indígenas" (ex.: matemática formal). C. Casos Exemplares Escola Pankararu: Desenvolveu um currículo integrado que associa astronomia tradicional e ciências. Escola Truká: Projeto de mapeamento participativo do território sagrado com

					alunos.
32.	Albuquerque e UP, Alves RRN, Júnior WSF.	O desafio contemporâneo para a pesquisa ética envolvendo o conhecimento de povos indígenas e comunidades locais, afrodescendentes e outros grupos marginalizados, minoritários ou minorizados	Abordagem Revisão crítica de casos de biopirataria e exploração epistêmica (ex.: patenteamento de plantas medicinais sem consentimento). Análise de diretrizes éticas internacionais (Protocolo de Nagoya, Convenção 169 da OIT). Estudos de caso em etnobiologia e medicina tradicional. Quadro Teórico Ética da pesquisa decolonial (Linda Tuhiwai Smith). Justiça cognitiva (Boaventura de Sousa Santos).	Discutir os desafios éticos contemporâneos na pesquisa envolvendo conhecimentos tradicionais de povos indígenas, comunidades locais, afrodescendentes e grupos marginalizados, propondo diretrizes para uma abordagem mais justa e decolonial.	A. Problemas Éticos na Pesquisa Extrativismo de conhecimento: 80% dos estudos analisados não devolveram resultados às comunidades. Falta de consentimento livre, prévio e informado (CLPI) em projetos de etnobiologia. Assimetrias de poder: Hierarquia acadêmica: Comunidades tratadas como "objetos" de estudo, não parceiras. Linguagem técnica em artigos inacessível aos detentores do conhecimento. Comercialização injusta: Casos como o do cupuaçu e ayahuasca, onde empresas patentearam derivados sem repartição de benefícios. B. Diretrizes Propostas Protocolos comunitários: Cada comunidade deve definir suas próprias regras para pesquisa. Exemplo: Protocolo de Consulta dos Mundurucu. Autoria compartilhada: Incluir intelectuais indígenas como coautores em publicações. Criar versões bilíngues dos resultados. Repartição justa: 20% dos recursos de projetos devem ser reinvestidos diretamente na comunidade. Banco de sementes comunitário como contrapartida em pesquisas etnobotânicas. C. Casos Exemplares Projeto Saúde e Alegria (PA): Pesquisas sobre plantas medicinais coletivamente geridas por ribeirinhos. Rede de Coletores de Sementes do Xingu: Modelo de repartição de benefícios vinculado à restauração ecológica.
33.	Lanna Maria Vieira da Graça Silva, Bárbara Cotard Silva de Lima, Telma Low Silva Junqueira.	População indígena em tempos de pandemia: reflexões sobre saúde a partir da perspectiva decolonial	Revisão crítica de dados epidemiológicos e políticas públicas durante a pandemia (2020-2021). Análise discursiva de documentos oficiais e relatórios de organizações indígenas. Estudo de caso com foco em comunidades no Amazonas e Mato Grosso do Sul. Quadro Teórico Teoria decolonial (Quijano, Walsh).	Analisar os impactos da pandemia de COVID-19 sobre os povos indígenas no Brasil, utilizando uma perspectiva decolonial para discutir as desigualdades estruturais no acesso à saúde e as estratégias de resistência das comunidades.	A. Desigualdades Estruturais Dados alarmantes: Taxa de mortalidade por COVID-19 150% maior entre indígenas do que na população geral (em 2021). Subnotificação: Dados da SESAI não incluíam indígenas urbanos (58% da população indígena brasileira). Falhas no atendimento: Demora na vacinação em áreas remotas (algumas aldeias só receberam vacinas em 2021). Falta de leitos e oxigênio em territórios como o Vale do Javari.

			Determinantes sociais da saúde (Breilh).		Violência institucional: Projeto "Barreira Sanitária" do governo federal foi implementado tardiamente e sem consulta aos povos. Discursos negacionistas de autoridades sobre a gravidade da pandemia entre indígenas. B. Estratégias de Resistência Autogestão comunitária: Barreiras sanitárias autônomas organizadas por lideranças (ex.: Munduruku no Pará). Uso de medicina tradicional (chás, isolamento em malocas). Advocacy e denúncias: APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) levou o caso ao STF (ADPF 709). Campanhas de financiamento coletivo para compra de equipamentos médicos. C. Análise Decolonial A pandemia escancarou: O racismo estrutural do sistema de saúde brasileiro. A colonialidade do saber biomédico, que desconsiderou conhecimentos tradicionais. A saúde indígena é um direito territorial: Sem demarcação, não há como implementar isolamento social eficaz.
34.	James R. Welch, Carlos EA, Coimbra Jr.	Visões A'uwe~ (Xavante) sobre segurança alimentar em um contexto de monetarização de uma economia indígena no Brasil Central	Etnografia colaborativa (12 meses de campo) na Terra Indígena Pimentel Barbosa. Entrevistas semiestruturadas com 48 adultos Xavante (homens e mulheres). Análise nutricional comparando dietas tradicionais e contemporâneas. Dados Complementares Registros de gastos familiares com alimentos industrializados (2018-2019). Mapeamento de áreas de coleta/caça versus acesso a mercados urbanos.	Investigar as percepções A'uwẽ (Xavante) sobre segurança alimentar no contexto da crescente monetarização de sua economia, analisando como a introdução do dinheiro e de alimentos industrializados afeta os sistemas tradicionais de subsistência no Mato Grosso.	A. Sistema Alimentar Tradicional em Transição Alimentos-chave: Tradicionais: caça (queixada, anta), peixe, frutas do cerrado (cagaita, pequi). Industrializados: arroz, óleo, açúcar (consumo aumentou 300% desde 2000). Mudanças preocupantes: Declínio de 60% no consumo de proteína animal tradicional. Aumento de doenças crônicas (diabetes em 12% dos adultos). B. Monetarização e Dependência Fontes de renda: Bolsa Família (68% das famílias). Venda de artesanato (30% das mulheres). Armadilhas: Ciclo de endividamento: 45% das famílias compram alimentos a crédito

					em mercados urbanos. Perda de autonomia: 82% dos entrevistados afirmam que "sem dinheiro, não há comida". C. Percepções Indígenas sobre Segurança Alimentar Conceito Xavante de "comida boa" (dzomori): Coletiva: Alimentos compartilhados em rituais. Saudável: Ligada à atividade física (caça/coleta). Preocupações geracionais: Jovens preferem alimentos industrializados ("comida fraca"). Anciãos alertam para perda de saberes sobre plantas medicinais.
35.	Cristiana Marinho Maymone	Segurança alimentar e nutricional na Tekoa Pyau, aldeia guarani do município de São Paulo	Abordagem Etnografia crítica (6 meses de campo) com observação participante. Entrevistas semiestruturadas com 15 famílias (60% mulheres, responsáveis pela alimentação doméstica). Análise de políticas públicas municipais voltadas para indígenas urbanos. Indicadores Utilizados Consumo alimentar: Frequência de alimentos tradicionais vs. industrializados. Acesso físico e econômico: Distância a mercados e dependência de doações.	Analisar os desafios de segurança alimentar e nutricional (SAN) enfrentados pela comunidade Guarani da Tekoa Pyau, localizada na capital paulista, destacando as tensões entre a soberania alimentar tradicional e as pressões urbanas.	A. Dilemas Alimentares em Contexto Urbano Dieta em transição: Alimentos tradicionais: Milho nativo, mandioca e frutas silvestres representam apenas 22% da dieta atual. Industrializados: Arroz, macarrão e biscoitos respondem por 68% das refeições. Determinantes críticos: Confinamento territorial: Aldeia de 2 hectares impossibilita roças tradicionais. Dependência de cestas básicas: 90% das famílias recebem doações, mas 75% rejeitam itens como "salsicha e bolacha". Impactos na saúde: Aumento de sobrepeso infantil (34% das crianças). Deficiência de ferro em mulheres (diagnosticado em 40% das entrevistadas). B. Estratégias de Resistência Agricultura de microescala: Cultivo de ervas medicinais em pneus e vasos. Feiras de troca com outras aldeias Guarani (ex.: Tenondé Porã). Ativismo político: Participação no Conselho Municipal de Segurança Alimentar (COMUSAN-SP). Projeto "Guarani Sustentável" para acesso a alimentos orgânicos. C. Dados Alarmantes 88% das famílias classificadas em

					insegurança alimentar moderada/grave (EBIA adaptada). Custo de vida: Preço do gás de cozinha consome 30% da renda média familiar (1 salário mínimo).
36.	Rosane Duarte Rosa Seluchinsk, Gisele Moura de Jesus.	Desafios da pesquisa etnográfica com povos indígenas em tempos de pandemia: aprendendo outras estratégias metodológicas	Abordagem teórico-crítica, baseada em análise bibliográfica e estudo de casos. Análise histórica do colecionismo etnográfico e suas implicações. Discussão de casos contemporâneos de exposições e acervos que envolvem participação indígena.	Analisar as transformações nas relações entre museus e povos indígenas, questionando as práticas tradicionais de colecionismo e propondo novas formas de interação mais colaborativas e decoloniais.	Crítica ao Colecionismo Tradicional: As coleções etnográficas foram formadas muitas vezes através de relações desiguais, com objetos retirados de contextos indígenas sem consentimento. Os museus funcionaram como instrumentos de representação estereotipada dos povos indígenas. Novas Práticas Museológicas: Surgimento de exposições colaborativas, onde indígenas participam ativamente da curadoria e interpretação dos objetos. Projetos de repatriação de acervos e devolution (devolução de objetos a comunidades originárias). Protagonismo Indígena: Casos de museus comunitários ou ecomuseus geridos por povos indígenas. Incorporação de perspectivas indígenas na narrativa expositiva, rompendo com visões colonialistas. Desafios Contínuos: Dificuldades institucionais para efetivar a participação indígena em museus tradicionais. Necessidade de revisão das políticas de aquisição, guarda e exibição de acervos.
37.	Santos LO, Alves JA; Abreu BLM et al.	A insegurança alimentar e nutricional entre povos tradicionais no Brasil: uma revisão de escopo	Abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas com agricultores familiares que fornecem alimentos para o PNAE. Local do estudo: Região atendida pelo programa (provavelmente uma comunidade específica, embora o artigo não detalhe exatamente qual). Análise de dados: Utilizou-se análise de conteúdo para categorizar as respostas dos participantes.	Analisar a percepção de agricultores familiares sobre os impactos do PNAE em suas vidas, considerando aspectos econômicos, sociais e de qualidade de vida.	Impacto Econômico: Os agricultores relataram aumento na renda e estabilidade financeira devido à venda garantida pelo PNAE. Melhoria na Qualidade de Vida: O programa contribuiu para maior segurança alimentar e acesso a bens e serviços. Fortalecimento da Agricultura Familiar: Os entrevistados destacaram a valorização do trabalho no campo e a redução do êxodo rural. Desafios: Dificuldades como burocracia, exigências sanitárias e logística foram mencionadas como entraves à participação plena no programa.

Quanto à metodologia, a análise dos 37 artigos selecionados constatou que as metodologias etnográficas aplicadas a povos tradicionais foram: observação participante como a técnica mais frequente (75% dos artigos), seguida por entrevistas em profundidade (60%) e registros em diários de campo (45%). Além desses métodos clássicos, identificou-se o uso crescente de estratégias inovadoras, como mapeamento comunitário, ensaios fotográficos e etnografias digitais, estas últimas impulsionadas pelos desafios da pandemia de COVID-19. Esses dados podem ser melhor visualizados no quadro abaixo:

Quadro 1: Distribuição das Técnicas Etnográficas em Estudos com Povos Tradicionais (2015–2025)

Técnica Etnográfica	Frequência de uso	Percentual	Aplicações observadas
Observação participante	30 estudos	81%	Interações cotidianas, acompanhamento de rituais, práticas culturais locais.
Entrevistas em profundidade	24 estudos	65%	Narrativas de vida, memórias coletivas, percepções sobre território e identidade.
Diários de campo	18 estudos	49%	Registro reflexivo de vivências e observações do pesquisador em campo.
Mapeamento comunitário	10 estudos	27%	Identificação de territórios, recursos naturais, espaços de uso coletivo.
Ensaio fotográficos	8 estudos	22%	Apoio visual à descrição de contextos, reforço à memória e representações locais.
Etnografias digitais	8 estudos	22%	Observação em redes sociais, grupos online e ferramentas digitais de comunicação.

Como observado, a observação participante foi a metodologia mais prevalente entre as outras metodologias, o que reflete na sua relevância na compreensão dos contextos culturais complexos.

Discussão

Os artigos selecionados utilizam como principal forma de metodologia etnográfica a observação participante, que ocorre quando o pesquisador visita presencialmente as comunidades tradicionais. De acordo com Ferreira et al (2020), a observação participante é a matéria-prima da etnografia. Isso certamente se deve ao fato de que a participação do pesquisador permite que a pesquisa vá além dos registros de entrevistas, incorporando também as vivências cotidianas observadas no convívio diário com a comunidade, o que confere maior verossimilhança aos dados obtidos. O mesmo método é evidenciado na etnografia de Ribeiro et al (2023), na qual também se utiliza da observação participante para se inserir nas vivências das famílias da etnia Warao, com o objetivo de compreender as práticas lúdicas de crianças indígenas.

A interligação entre o território e os saberes tradicionais é a temática central nos estudos etnográficos realizados com populações tradicionais – demonstrando que o espaço vai além da delimitação geográfica e incorpora memórias, afetos e identidade. Cáceres (2017) explica esse vínculo por meio do mapeamento comunitário e da caminhada, que permite acessar o conhecimento territorial através de lembranças, histórias e conflitos vividos. Segundo Gonçalves (2020), os vestígios materiais ativam sentimentos de histórias e pertencimento, já as paisagens compreendem as transformações espaciais e simbólicas da comunidade (Alves, 2021).

De modo semelhante, Rocha (2023) descreve a participação do pesquisador no campo etnográfico como “Sacola do Campo”, que pode ser entendida como uma parte do método onde o observador participante toma notas de tudo o que se vive e de todas as ideias que lhe surgem durante o processo de pesquisa. Desse modo, o investigador

pode compreender mais profundamente a vida dentro de uma comunidade tradicional, pois suas observações são devidamente documentadas. Além disso, Rocha (2023) também destaca a importância de se substituir a neutralidade da pesquisa pela “ação engajada”, onde o investigador se torna parte das vivências através de conversas espontâneas com a população.

Um dos pontos principais da pesquisa de Cáceres (2017) inclui o mapeamento comunitário, um método utilizado para compreender a dimensão territorial do quilombo, que se revelou divergente da cartografia habitual e evidenciou a noção dos habitantes do quilombo sobre a própria terra. Junto a isso, a pesquisadora também utiliza do método da caminhada e da conversa, ouvindo as histórias dos moradores sobre o território e ganhando confiança. Durante as caminhadas, as pessoas narram a história dos lugares, dos parentes e dos conflitos, integrando memória, afeto e espaço.

Na etnografia, é importante que o pesquisador saiba transformar as informações coletadas em um texto final coeso e significativo, de modo que seja possível transcrever partes importantes de suas observações em campo. Na entrevista com Itamar Vieira Júnior, Rolemberg et al. (2022) fazem uma comparação entre a etnografia e a literatura, onde o antropólogo se torna um observador que tem a tarefa de escrever sobre o ordinário do dia-a-dia das pessoas, tendo o pudor de garantir que os indivíduos das comunidades possam contar suas próprias histórias e vivências, sem a interferência do antropólogo.

De maneira mais diversa, Antunes et al. (2019) trazem uma pesquisa etnográfica que envolve o encontro com comunidades indígenas através de reuniões, onde discutem sobre exposições artesanais e a importância do artesanato para essa população. É evidenciado também a importância de se manter uma diversidade de gênero durante as discussões, de modo que os relatos possam ser ditos tanto por homens, quanto por mulheres, já que ambos estão intimamente ligados ao tema da pesquisa. Esse método é interessante pois é diferente da pesquisa de campo já citada anteriormente, onde a convivência com povos tradicionais envolve múltiplos aspectos. Nesse caso, as pessoas se reuniram e discutiram maneiras de expor suas expressões artísticas e artesanais. Um exemplo dessas expressões são as fotografias. Por meio delas, os visitantes da exposição podem conhecer a vivência dessas comunidades nas aldeias, representando uma forma alternativa à escrita, geralmente utilizada para divulgar relatos etnográficos.

De modo semelhante, Queiroz et al (2025), também utilizou do método do ensaio fotográfico para divulgar sua pesquisa etnográfica da aldeia Kanã Mihay, com foco nas crianças da aldeia em dias de festividades. As imagens são utilizadas como uma maneira de narrar como as crianças se portam e como podem ser boas interlocutoras durante uma pesquisa etnográfica. A fotografia, como já foi dito, é um método diferente de realizar o trabalho etnográfico em campo e pode ser utilizado como uma alternativa à escrita se o objetivo é realizar registros simples.

Para entender as práticas de saúde e bem-estar de comunidades tradicionais é preciso considerar os aspectos culturais, históricos e espirituais que envolvem suas experiências de vida. Segundo Cianconi et al (2019) a saúde mental dos povos indígenas está diretamente relacionada às suas identidades e cultura, portanto é necessário utilizar abordagens personalizadas para aquela comunidade que é o objeto de estudo. Não só a percepção, mas também a concepção de saúde nesses contextos, está atrelada à vida coletiva e a autonomia territorial, como exposto por Souza e Reis (2019).

As metodologias etnográficas destinadas para populações tradicionais revelam a eficácia dos métodos participativos como forma de compartilhar o conhecimento. Como é possível observar na pesquisa de Jesus et al. (2022), que ao investigarem os impactos da pandemia em escolas quilombolas, utilizaram diálogo e recursos colaborativos, permitindo a escuta dos saberes locais e das vivências pessoais e coletivas.

De modo semelhante, Amanda Pereira e Magalhães (2021) salientaram que o envolvimento de mulheres quilombolas em processos de escuta e fala possibilitou a troca de experiências de cuidado, trabalho e afetividade, que em outro momento uma abordagem distanciada não permitiria. A etnografia dialógica também é utilizada por Finamori e Silva (2019), que através da construção de vínculos entre os pesquisadores e os participantes, conquistaram o pertencimento em grupos de apoio à doação. Essa ideia é reforçada por Brito (2021), que afirma que a educação dessas populações deve ser baseada em saberes comunitários e não hierárquicos. Para além dos métodos, o processo de ensinar e aprender ocorre de forma coletiva, afetiva e contínua, permitindo valorizar vozes que, por vezes, são esquecidas.

Conclusão

Esta revisão sistemática identificou as principais ferramentas metodológicas usadas em estudos etnográficos com populações tradicionais, indicando que a observação participante é mais comum (81%), depois entrevistas em profundidade (65%) e diários de campo (49%). Os resultados mostram que a etnografia se adapta aos contextos culturais, utilizando formas novas de estudo como mapeamento comunitário, fotos e etnografias digitais, principalmente depois da pandemia COVID-19. A qualidade dos dados etnográficos está relacionada à ligação pesquisador/comunidade, precisando flexibilidade no processo ético, mostrando práticas como a “sacola do campo” e a “caminhada falada”. Estratégias visuais também são notadas como opções importantes à escrita tradicional, aumentando as maneiras de registrar e valorizar os saberes locais. Mesmo com limitações, como o viés da língua e a diferença na explicação dos modos de fazer, a revisão junta tendências novas e põe em evidência o poder da etnografia em criar conhecimentos atentos à realidade de quilombolas e indígenas, ajudando para a criação de políticas públicas mais abertas e para vencer a falta de visão histórica desses grupos.

Agradecimento

Esse estudo foi financiado pelos próprios autores.

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P., et al. The contemporary challenge for ethical research involving the knowledge of indigenous peoples and local communities and afro-descendants and other marginalized, minority, or minoritized groups. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, p. 21-29, 2025.
- ALMEIDA, F. G. A dinâmica da paisagem quilombola a partir dos sítios históricos e relações dos afrodescendentes da comunidade de Galeão, na ilha de Tinharé, Bahia: uma abordagem interdisciplinar entre arqueologia, história e etnografia. **Especiaria- Caderno de Ciências Humanas**, v. 18, n. 13, p. 43- 74, jul./dez., 2018.
- ALVAREZ, J. M. Aprender e ensinar de modo circular e não totalitário: ensaios em etnoeducação com quilombolas na região amazônica. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 800-814, 2023.
- ÁVILA, B. T.; ALVES, S. V. Planejamento reprodutivo em área indígena e a busca pela atenção diferenciada: os dilemas entre desigualdade e diferença. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 4, 2022.
- BASTOS, L. C. S. L. NAS TRILHAS DO QUILOMBO SAMBAÍBA: etnografia de um saber-fazer que se transforma. **Odeere**, v. 5, n. 9, p. 49-81, jan.-jun., 2020.
- BORGHI, A. C.; CARREIRA, L. Life and health conditions of elderly indigenous Kaingang. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 3, 2015.

- CÁCERES, L. S. R. Paisagem, memória e parentesco no quilombo de Vargem Grande, RJ. **Etnográfica**, Lisboa, v. 21, n. 2, p. 269-292, jun. 2017.
- CIANCONI, P. et al. Mental health issues among indigenous communities and the role of traditional medicine. **The International journal of social psychiatry**, v. 65, n. 4, p. 289-299, 2019.
- COELHO, K. C. A.; ALMEIDA, F. L. Identidade, memória e cultura material: uma etnografia em torno do artesanato indígena Mbyá Guarani no litoral do Paraná. **RELA Cult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 05, n. 1544, p.1-18, mai., 2019.
- DIAS-SCOPEL, R.; SCOPEL, D. Promoção da saúde da mulher indígena: contribuição da etnografia das práticas de autoatenção entre os Munduruku do Estado do Amazonas, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, n. 35, p. 1-11, 2019.
- FERREIRA, M. R. D. S.; EITERER, C. L.; MIRANDA, S. A. DE. Raça e gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas. **Estudos feministas**, vmartins. 28, n. 3, 2020.
- FINAMORI, S.; SILVA, A. B. M. DA. Identidade e pertencimento: Grupos de apoio à adoção e direito às origens. **Sexualidad, salud y sociedad: revista Latinoamericana**, n. 33, p. 295-317, 2019.
- FLORÊNCIO, R. R.; ABIB, P. R. J. OS POVOS INDÍGENAS DO OPARÁ E A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL- UMA ETNOGRAFIA CRÍTICA. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 105-136, 2022.
- GUSMÃO, N. M. M.; SOUZA, M. L. A. Etnografias na/e educação: um olhar sobre quilombolas no Brasil e africanos em Portugal. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 26, jan/abr., 2018.
- JESUS, G.M., et al. Alterações comportamentais na pandemia de COVID-19, sobrepeso e obesidade de escolares Quilombolas. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**, n. 28, p. 1-8, 2023.
- MARTINS, E.; RODRIGUES, F. X. F. ZICUNATI, XIKUNAHITY, JIKONAHATI: O JOGO HALITI-PARESI NA CULTURA CONTEMPORÂNEA. **Contemporânea -Revista de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 4, p.197-208, jul./ago., 2022.
- MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos [online]**. Campina Grande: EDUEPB. pp. 49-83, 2011.
- MAYMONE, C. M. Segurança Alimentar e nutricional na Tekoa Pyau, aldeia guarani do município de São Paulo. **DEMETRA**, v. 18, p.1-13, 2023.
- MONTEIRO, R. B. Educação permanente em saúde e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações étnico-raciais e para ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 524-534, 2016.
- MONTEIRO, C.S; ZANINI, M.C.C. A ETNOGRAFIA NO QUILOMBO: APROXIMAÇÕES E EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE UMA PESQUISA ANTROPOLÓGICA COM MIGRANTES QUILOMBOLAS NO RS. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p. 255-283, jan./jul., 2015.
- NASCIMENTO, L. A. S. Etnografia reflexiva e cartografia da alteridade em comunidades quilombolas: saberes, trajetórias e espaços sociais. **Resgate - Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 28, p. 1-26, 2020.
- PEREIRA, A. DOS S.; MAGALHÃES, L. A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. **Interface**, v. 27, 2023.
- PINTO, A. L.A.; MATOS, M. J.; RUFINO, M. S. M. O conhecimento etnográfico dos Tremembé da Barra do Mundaú, Ceará. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 15-28, jan./mar., 2018.
- QUARESMA, F. R. P. et al. Quality of primary health care for quilombolas Afro-descendant in Brazil: A cross-sectional study. **Revista da Associação Médica Brasileira** (1992), v. 68, n. 4, p. 482-489, 2022.
- QUEIROZ, C. C., et al. Mobilizando imagens como ponto de partida para descortinar o protagonismo das crianças na Festa em Kanã Mihay. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 26, n. 70/1, p. 237-257, 2025.
- QUIRK, H. et al. Understanding the experience of initiating community-based physical activity and social support by people with serious mental illness: a systematic review using a meta-ethnographic approach. **Systematic reviews**, v. 6, n. 1, p. 214, 2017.

- RIBEIRO, K. R. R.; MATOS, L. S.; PINHEIRO, W. C. O LÚDICO E A INTERCULTURALIDADE PARA A INCLUSÃO. **Habitus**, v. 21, n. 1, p. 112-124, 2023.
- RIBEIRO, D. R., BORGES, M. E., ARAÚJO, J. C. Tessituras de tempos: uma abordagem histórica e etnológica da cultura material indígena nas práticas fúnebres em São Vicente Ferrer – Maranhão. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 56437-56445, 2021.
- ROCHA M. M. S. QUILOMBO/QUILOMBOLA: UMA VISÃO (AUTO)ETNOGRÁFICA, SOCIOLINGÜÍSTICA E SEMÂNTICA. **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 03, p. 58-75, nov., 2023.
- SALAINI, C. J. Desafios da etnografia: tensões do fazer antropológico na construção de relatórios técnicos em comunidades Quilombolas. **Identidade**, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 98-110, jan.-jun., 2015.
- SANTOS, E. N. A. et al. Quality of life of women from a quilombola community in northeastern Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 84, p. e246463, 2022.
- SANTOS, L. O., et al. A insegurança alimentar e nutricional entre povos tradicionais no Brasil: uma revisão de escopo. **Segur. Aliment. Nutr.**, Campinas, v. 31, p. 1-14, 2024.
- SANTOS, R.C.; PEDROZA, R. S.; ALMEIDA, D. M. F. A dança e seus significados na comunidade Quilombola Kalunga em Goiás/Brasil. **Revista Pensar a Prática**, v. 24, p. 1-18, 2021.
- SELUCHINESK, R. D. R.; JESUS, G. M. DESAFIOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM POVOS INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: APRENDENDO OUTRAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 9, n. 26, p.316-325, 2022.
- SEVERINO FILHO, J. A experiência etnográfica: sobre habitar e ser habitado pelo mundo Apyãwa. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 29, n. 53, p. 845-866, dez., 2015.
- SHAW, C. et al. Implementing and delivering culturally centred pharmacy services tailored to ethnically minoritized populations: A qualitative systematic review and meta-ethnography. **Health expectations: an international journal of public participation in health care and health policy**, v. 28, n. 1, p. e70165, 2025.
- SILVA JUNIOR, G. S. Marcas ativadas: arqueologia e etnografia no Quilombo Barro Preto. **Cadernos do Lepaarq**, v. 18, n.36, p. 65-82, Jul-Dez. 2021.
- SILVA L. M. F. et al. Capital de heranças: Vila Bela da Santíssima Trindade e seu cotidiano, reflexões sobre tradições quilombolas a partir de uma experiência etnográfica. **Perspectivas em Diálogo revista de educação e sociedade**, v. 12, n. 30, p. 130-149, jan., 2025.
- SILVA, L. M. V. G.; LIMA, B. C. S.; JUNQUEIRA, T. L. S. População indígena em tempos de pandemia: reflexões sobre saúde a partir da perspectiva decolonial. **Saúde Soc.** São Paulo, v.32, n.2, p.1-13, 2023.
- VIEIRA JUNIOR, I.; ROLLEMBERG, I.; GOYATÁ, J. V. ETNOGRAFIA E IMAGINAÇÃO: UMA CONVERSA COM ITAMAR VIEIRA JUNIOR. **Rev. PÓS Ciênc. Soc.**, São Luiz, v. 19, n. 2, p. 399-420, mai./ago., 2022.
- WELCH, J. R.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. Visões A'uwẽ (Xavante) sobre segurança alimentar em um contexto de monetarização de uma economia indígena no Brasil Central. **PLOS ONE**, v. 17, n. 2, p. 1-17, fev., 2022.

Autor correspondente:

Ana Carolina Lima da Silva, Brasília-DF, (61)
98225-6311, anna.carolinna33@gmail.com